

AS RELAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES PORTADORAS DE ALCOOLISMO

AUTORA

Gildecy Batista Alves Pinheiro
Especialista em Política Social, Mestre em Serviço Social
Faculdade de Ciências, Cultura e Extensão do RN – FACEX
Prefeitura Municipal de Macaíba
Endereço: Travessa Apucarana III, 40 - Colinas do Potengi – Natal/RN
CEP: 59124-000
Telefone: (84) 3661-1734
E-mail: gildecialves@ig.com.br

RESUMO

Este artigo é resultante da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O mesmo compreende o alcoolismo como uma questão social inserido numa sociedade extremamente contraditória e dinâmica, onde se verifica a expansão progressiva do capitalismo pela geografia e pela história das nações e continentes. O foco de reflexão é o alcoolismo feminino e suas relações sociais percebendo-os introduzidos numa sociedade preconceituosa, machista e estigmatizante. Tais elementos repercutem duramente sobre a temática abordada, o que dificulta o reconhecimento da enfermidade - alcoolismo - por dor, vergonha e medo, aspectos provenientes de uma sociedade desigual e competitiva que tradicionalmente camufla e limita as potencialidades da figura feminina.

PALAVRAS-CHAVES

Alcoolismo feminino. Relações sociais. Preconceito.

ABSTRACT

THE SOCIAL RELATIONS OF BEARER WOMEN OF ALCOHOLISM

This article is product of dissertation introduced to Postgraduation in Social Work of Universidade Federal do Rio Grande do Norte. It understand the alcoholism as a social question inserted in an extremely contradictory and dynamyc society, which verify the gradual expansion of the capitalism for the geography and history of nations and continents. The focus of reflexion is female alcoholism and its social relations, perceiving them introduced in a limited, machista and stigmatized society. These elements reverberate hardly about the theme. What make difficult the recognition of disease - alcoholism - because of pain, shame and fear, aspects deriving from an inequal and competitive society that, traditionally, it dissimulate and delimit the potentialities of the female figure.

KEYWORDS

Female alcoholism. Social relations. Preconception.

INTRODUÇÃO

Nossa época foi desenvolvida pelo impacto da ciência, da tecnologia e da racionalidade que emergiram na Europa dos séculos XVII e XVIII. A cultura industrial ocidental foi defendida pelos escritos de pensadores que se opunham à influência da religião e do dogma e ansiavam substituí-los por uma vertente mais racional à vida prática.

O marco histórico para o aparecimento da modernidade é a revolução burguesa que transformou a face do mundo ocidental a partir do século XVII, propiciando um novo tipo de sociedade humana, respaldada em processos crescentes de racionalização que destruíram as bases das sociedades tradicionais.

Racionalidade pautada nos princípios da utilidade, mensurabilidade, previsão, cálculo, certeza científica. O paradigma científico inaugurado pela modernidade, toma a racionalidade do sujeito como ponto de partida do conhecimento científico, sendo designado de subjetivista.

É, portanto, no século XVIII que este paradigma se torna dominante, sob os objetivos iluministas de esclarecer aos homens da sua capacidade de compreender racionalmente o mundo.

Para os filósofos iluministas quanto mais capazes de compreender racionalmente o mundo, e a nós mesmo, mais chances temos de moldar a história para nossos próprios propósitos.

Acreditou-se que com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia o mundo iria se tornar mais estável e ordenado. Porém, o mundo atual em vez de estar cada vez mais sob o comando da humanidade, parece um mundo em descontrole. A vida se tornou insegura com novos riscos e incertezas que afetam a todos, independente do local onde se viva, não importando se em situação privilegiada ou de carência.

É neste cenário de dúvida e indagação que se contextualiza e se desenvolve o alcoolismo feminino. Qualquer uma pode ser portadora desta doença, basta ingerir bebida alcoólica de maneira contínua e excessiva, perdendo o domínio sobre o ato de beber, tornando-se compulsivo.

Apesar da quantidade de trabalhos envolvendo a temática alcoolismo, a sociedade ainda está carregada de mitos e preconceitos sobre o tema, que vão desde reforçar o consumo do álcool até a negar e/ou omiti-lo.

ALCOOLISMO FEMININO

Busca-se compreender o fenômeno alcoolismo como um processo que extrapola o âmbito da saúde, situando-o numa perspectiva mais ampla que implica num elemento complexo e progressivo. Sua progressividade é uma das características que repercutem em todos aspectos da vida do indivíduo, seja no espaço público e/ou privado.

A literatura científica, como reforça Bertolote (1997), desde a metade do século XX, aborda alcoolismo como um fenômeno que se manifesta em várias dimensões; física, psicológica e social. Para Bertolote (1997, p. 26):

[...]. O alcoolismo não deixou de ser considerado como uma doença, mas o fato de constituir uma doença é apenas um dos inúmeros problemas encontrados, em associação com determinados padrões de ingestão de bebidas alcoólicas. Nascia aí o conceito de problemas relacionados com o consumo de álcool, que ampliou o conceito de alcoolismo, colocando-o numa perspectiva histórica e social.

A doença alcoolismo é um dos maiores flagelos sociais, pois resulta num quadro de perda contínua do senso ético da vida, do senso de responsabilidade, além de uma perda progressiva da produtividade. Pode-se referenciar o alcoolismo como uma doença que primeiro desonra e depois mata. Desonra no sentido do indivíduo perder o amor próprio, o respeito e a credibilidade, depois do mesmo estar sem moral; gradativamente e de modo contínuo, ele morre.

Apesar de todo avanço político, social que repercute na nova postura e entendimento da mulher e da relação de gênero, percebe-se ainda referências e atitudes que colocam a mulher numa situação desconfortável e subordinada. Como frases que expressam: “mulher é para cuidar dos filhos, do marido e da casa”; “a mulher não precisa estudar muito”; “mulher só para pilotar fogão”; “mulher tem que ficar em casa”; “só podia ser uma mulher”.

A questão da mulher é uma discussão que tomou visibilidade social no decorrer dos estudos científicos. À medida que se enfatizava a dependência feminina e delegava-se às mulheres papéis específicos influenciados de fragilidade, meiguice, vulnerabilidade, incapacidade, tornava-se transparente a questão da mulher e seu tratamento de forma desigual em relação ao homem. Tal discussão contribuiu para o surgimento do termo gênero e, conseqüentemente, seu estudo.

O termo gênero começou a ser usado anos 80, na tentativa da compreensão da estrutura da sociedade em papéis sociais hierarquizados, a partir da divisão da sociedade em gênero. O enfoque sobre a temática gênero não implica substituir uma história dos homens por uma história das mulheres, mas em entender a dinâmica das relações sociais, pois, gênero diz respeito:

As relações e diferenças sociais entre homens e mulheres que são aprendidas variam amplamente nas sociedades e diferentes culturas, e mudam com o passar do tempo. O termo gênero não substitui o termo sexo, que se refere exclusivamente às

diferenças biológicas entre homens e mulheres. Por exemplo, dados estatísticos são apresentados por sexo. O termo gênero é usado para analisar as funções, responsabilidades, obrigações e necessidades de homens e mulheres nas diferentes áreas e contextos sociais. (UNESCO, 2002, p. 71).

Segundo Hennecke e Fox (1991), comparadas aos homens, as mulheres alcoolistas são mais sensíveis ao desenvolvimento de doenças do fígado, mesmo tendo menos idade, ingerindo quantidade menor de álcool e apresentando uma trajetória de consumo de bebida alcoólica mais curta.

Quantidades equivalentes de álcool afetam homens e mulheres diferentemente, devido às diferenças em peso e composição corporal: os homens precisam ingerir de 45 a 50% mais etanol para alcançar o mesmo nível sanguíneo de álcool Dawson, (1994). Por isso, o consumo e a dependência podem variar de acordo com o gênero. Existem evidências de que as mulheres alcoolistas são mais suscetíveis a certas doenças físicas do que os homens. (CHOU, apud BERTOLETE; RAMOS, 1997, p. 56).

O alcoolismo feminino pode provocar também problemas ginecológicos e obstétricos, como: infertilidade, abortos espontâneos e histerectomias. Pode provocar anomalias congênitas na prole, causar a síndrome fetal alcoólica que compreende anormalidades físicas, com seqüelas do tipo mental e comportamental. No decorrer do período da amamentação as mulheres não devem utilizar bebidas alcoólicas, pois o álcool pode ser transferido ao lactante, podendo causar-lhe prejuízos cerebrais e/ou hepáticos.

O PRECONCEITO CONTRA AS MULHERES ALCOOLISTAS

Tradicionalmente, o alcoolismo tem sido compreendido como um problema da figura masculina, e conseqüentemente, dar vexame numa determinada situação social por estar alcoolizada é entendido como uma transgressão mais grave para a mulher, enquanto chega a ser tolerado num homem.

Embora exista um preconceito maior contra a mulher alcoólatra (que para muita gente é mais afrontosa para os padrões morais vigentes que o homem alcoólatra), o uso de bebidas nas reuniões sociais em geral inclui as mulheres. [...](CLARET, 2001, p. 34).

No Brasil, cultiva-se uma história de preconceito social cujos conteúdos são variados: morais, científicos, políticos, econômicos, sexuais, raciais, religiosos e outros. Os preconceitos são transmitidos de geração em geração e legitimados em nossa sociedade sem um devi-

do questionamento. Na verdade, o preconceito é uma realidade que permeia as relações sociais e nos remete à discriminação e exclusão social.

O alcoolismo feminino encontra suas dificuldades nesse contexto social, onde o alcoolismo e a questão da mulher, ainda sofrem reatamento social devido a comportamentos preconceituosos e excludentes, produtos do jogo de interesses presentes na vida social, na correlação de forças político-sociais. Em geral quando se fala ou se pensa em alcoolismo vem de imediato a figura de um homem cambaleando. Essa imagem pode provocar pena e, às vezes, um sentimento de ridículo. Mas é uma atitude socialmente aceita e admissível, porém, quando se trata de alcoolismo feminino fica difícil digerir ou processar a idéia ou a imagem da situação de uma mulher cambaleando uma vez que a figura feminina está dentro de um padrão sócio-histórico pré-estabelecido.

A sociedade não encara a mulher bebedora da mesma forma que o faz quanto ao homem. A mulher é vista com mais rigor. Os homens são mais preconceituosos em relação ao comportamento da mulher que bebe: reflexo da sociedade machista que não vê a mulher em igualdade de condições e com as mesmas potencialidades. (VIVÊNCIA, 1992a, p. 13).

O preconceito implícito na questão do alcoolismo feminino tem três sentidos: preconceito relacionado ao álcool – como algo vergonhoso, problema de homem, falta de caráter; preconceito relacionado à questão da mulher – devido à sua vinculação com a esfera privada, frágil, doce, delicada, tímida, administradora do lar e finalmente, o preconceito da própria mulher que tem problema com alcoolismo. As mulheres que têm problema com o álcool exprimem preconceito sobre o alcoolismo e sobre os Alcoólicos Anônimos – AA, manifestando um certo desinteresse e/ou desconhecimento. Tal preconceito é fruto de uma sociedade que por longo tempo obscureceu a importância e significado social de AA, bem como o conhecimento do alcoolismo como um problema social que pode invadir a vida de qualquer pessoa, independentemente do sexo e da condição social estabelecida.

Normalmente as pessoas apresentam uma certa reserva a respeito de AA, visualizando seus membros como um grupo de perdedores, fanáticos, mal-vestidos e mal-cheirosos, falando um lero-lero de amor, renovação espiritual e irmandade. (MILAN; KETCHAM, 1986).

O alcoolismo feminino é um fenômeno bastante complexo, uma vez que até as pessoas acometidas pelo alcoolismo apresentam uma certa rejeição e dificuldade de conversar sobre o assunto. Até para melhor compreender suas dificuldades/limitações, superando os estereótipos socialmente construídos sobre a figura de uma portadora de alcoolismo. Esta é um ser humano, um sujeito social como qual-

quer outro, não se encontrando imune às mazelas e questões sociais que perpassam a sociedade e se exprimem no cotidiano, nas relações sociais.

A própria bebedora começa a se isolar/reservar com medo do preconceito, da rejeição e passa a beber sozinha ou escondida, haja vista que a própria alcoolista tem receio de sua condição, ou melhor, sente preconceito em relação a si mesma. Depois de alcoolizada, adquire coragem para sair às ruas, indo contra aos padrões socialmente admissíveis.

A administração do alcoolismo feminino envolve diversos aspectos que vão desde desmistificar a figura feminina até a desmistificação do alcoolismo. Este processo envolve a sociedade, inclusive as portadoras de alcoolismo que, de repente, são acometidas pelo duplo preconceito e sentem preconceito também. Seria um triplo preconceito a ser superado, desmistificado.

Para Runbeck (1954, p 9):

[...] a mulher alcoólica sofre mais do que o homem; sua psique e sua constituição física são mais complexas e mais sensíveis. Ela tem mais dificuldades em suportar o desprezo que sente por si mesma e ainda sente muito mais acentuadamente o estigma social que uma sociedade ignorante coloca no alcoolismo.

AS RELAÇÕES SOCIAIS E O PROCESSO DE RECUPERAÇÃO

As relações sociais aqui refletidas dizem respeito a um “palco” da realidade social das mulheres portadoras de alcoolismo. As mesmas estão trilhando e/ou tentando trilhar um novo caminho, onde com certeza a dor, a insegurança vão acompanhá-las, porém uma coisa é notória: não é fácil ser mulher e ser alcoólatra, uma vez que o preconceito paira sobre o alcoolismo feminino. Compreende-se que “[...] a realidade é contraditória, a história não é linear, nós não partimos de uma situação ruim e chegamos a uma melhor sem nenhuma contradição”. (SAFFIOTTI, 2002).

A realidade é um processo dialético em curso, composto de três momentos: exteriorização, objetivação e interiorização. Estes se manifestam na cotidianidade da vida social que está permeada por vários processos sociais, que implicam na socialização do indivíduo e, conseqüentemente, nas relações sociais elaboradas, construídas, aceitas, vividas ou rejeitadas, negadas, reelaboradas e reconstruídas.

A família é um âmbito privilegiado no trato da questão das relações sociais, pois é o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora. Constitui-se uma das mediações entre o indivíduo e a sociedade. É no contexto das relações familiares, cujo motor são os sentimentos – amor, ódio, inveja, gratidão – que a criança aprende a reconhecer-se como única e como parte de um grupo. (MIOTTO, 1997). A dinâmica relacional estabelecida em cada família é construída a partir

de sua história e das negociações que ocorrem entre seus membros e com o meio social do qual faz parte. É no processo de construção que a família pode se constituir no decorrer de sua vida e/ou em algumas situações, tanto num espaço de felicidade, de desenvolvimento; como num espaço de infelicidade, de limitações e sofrimentos.

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2001, p. 175).

A socialização secundária extrapola o círculo familiar, o indivíduo passa a ser parte da escola, de serviços de bem estar social. Socialização, no caso, entendida como modos, padrões e formas de relacionamento social em contextos de interação e convívio social. Entende-se a socialização como um processo de integração dos indivíduos na sociedade. Ferdinand Tonnies designa a socialização como um processo de assimilação dos indivíduos aos grupos sociais. (BOUDON; BOURRICAUD, 2000).

Outhwaite (1996, p. 710-711) diz que:

Os processos pelos quais os seres humanos são induzidos a adotar os padrões de comportamento, normas, regras e valores do seu mundo social são denominados socialização. Começam na infância e prosseguem ao longo da vida. A socialização é um processo de aprendizagem [...].

Estar em sociedade já implica num contínuo processo de modificação da realidade subjetiva e a sociabilidade se expressa na vida cotidiana. Segundo Falcão e Paulo Neto (1987), o cotidiano se modifica e modifica as relações sociais, pois o mesmo está sempre presente em todas as instâncias da vida humana. “A substância constitutiva do Ser não se encontra, taxativamente, no homem, mas na relação entre os homens. O Ser é, em principio, um produto das relações sociais”. (MIRANDA, 2002, p. 28). (Sic).

Constantemente, o indivíduo se encontra inserido nas relações sociais, ou melhor, mantendo relações sociais, seja no âmbito familiar, na escola, na comunidade com a vizinhança, nos clubes, nas associações. Permanentemente, afirma-se e/ou nega-se relações sociais que permitem viver e manifestar estilo de vida, através das atitudes, da fala, das preferências. As relações sociais buscadas e vividas fazem parte da cotidianidade do indivíduo. Em determinados momentos da vida, do amadurecimento pessoal, as relações sociais almejadas e exercidas são condizentes com o estilo de vida que se desenvolve.

Nas relações sociais se revelam os desamores, as frustrações, as crenças, as alegrias, as aventuras, os desejos. Expressam-se a materialização e a espiritualização da sociabilidade. É nas relações sociais que se constroem e/ou se superam as contradições, projeto de vida, diferenças, esperanças, limitações, sucesso, fracassos, enfim.

As mulheres portadoras de alcoolismo se inserem no álcool de diversas formas nas suas relações sociais, desde a influência de amigos, festas, até desilusão afetiva ou amorosa. As relações sociais mantidas são determinantes para a consolidação do laço social, da sociabilidade.

Para alguns homens, a mulher continua a ser apenas um depósito de prazer pronto a servi-lo. E para isso precisa obter um padrão de beleza determinado. A mídia reforça essa idéia, muitas vezes, difundindo imagens de mulheres estereotipadas e degradantes para fins comerciais, desprezando o respeito à dignidade e o valor da pessoa humana. A mulher acaba sendo confundida com um fragmento do corpo, uma parte. Perdendo esta parte está relegada a deixar de ser mulher, de exercer sua sexualidade (ex.: mulher mastectomizada).

Busca-se, ainda, o álcool para fazer parte da socialização, para se sentir aceita, parte do grupo. A contemporaneidade vem exercendo um fator de atração para curiosidade, inovação, desafio. O que vem aguçando o desenvolvimento de ações/atividades de forma precoce e contínua. O alcoolismo não está excluído deste panorama.

O álcool, a princípio, pode até auxiliar no processo de socialização e entrosamento social, mas sua permanência que antes aproximava, alegrava, favorece o afastamento, a depressão, as ressacas persistentes, as discussões, a violência, as perdas. O álcool em alguns momentos, inclusive, pode levar ao conhecimento e uso de outras drogas. O comportamento do portador de alcoolismo oscila, podendo iniciar uma bebedeira com alegria, com euforia e, no seu decorrer, apresentar aspectos de choro, dor, violência, agressão. O envolvimento com o álcool provoca conflitos com a lei, com os vizinhos e independentemente do sexo, o elemento predominante e determinante é o álcool.

Cabe destacar que o início da ingestão alcoólica dá-se nos locais mais familiares e aceitáveis socialmente e percorre um caminho que leva o indivíduo às ruas, à sarjeta. O álcool como um processo de socialização – entrosamento e aceitação social – a um processo de dissocialização, passando seu portador a exibir comportamentos: inoportuno, desagradável, anti-social.

O ingresso feminino no mundo do álcool apresenta dificuldades em decorrência da condição social de ser mulher e ser alcoolista. Duas situações que impõem ações preconceituosas e tratamento desigual. O comportamento tradicionalmente atribuído à mulher fica completamente distorcido no alcoolismo. E atitudes geralmente atribuídas ao homem como namorador, violento passam a fazer parte integrante da vida da mulher alcoólatra. Percebe-se um fracasso no papel de mãe, de companheira. A mulher alcoolista comumente fica

afastada da família e passa a viver ou se relacionar com pessoas que têm o hábito de beber excessivamente.

A busca por tratamento implica em abstinência. Esta não é um processo fácil em decorrência dos sinais e sintomas que a síndrome de abstinência alcoólica provoca. Os sintomas do processo de abstinência são vividos com muita dor, seja física, seja moral. O desconforto é enorme, causando fragilidade para a continuidade do tratamento, especialmente no início.

O ambiente é um fator predominante para o auxílio à abstinência, bem como as pessoas que circulam neste ambiente. Todas evitam o que chamam de ambientes de risco, ou seja, locais que acreditam provocar nelas uma tentação/compulsão para o consumo da bebida alcoólica. Outras sentem dificuldade de se afastar dos ambientes ditos de riscos, devido às condições econômicas desfavoráveis, morando em ambientes insalubres.

Por esse motivo as novas relações sociais são de suma relevância para a abstinência: novos ambientes, novos amigos, novos interesses, novos comportamentos, novas atenções. A busca pela abstinência é muito mais do que a ausência de álcool na vida, implicando numa sobriedade que representa uma nova inserção social. É no dia-a-dia que se organizam as relações sociais e se evidenciam as novas prioridades e atitudes, culminando num processo de socialização completamente divergente e negador do processo de socialização com o álcool. Percebe-se a introdução do elemento – qualidade de vida – como um aspecto novo e essencial neste novo contexto social.

As relações sociais são um verdadeiro aprendizado, um campo de vivência, convivência, sobrevivência, interesse, adaptação, negação, de busca do que se acredita e começa a fazer parte do cotidiano com suas criações e recriações. Num processo constante de mudanças que implica em estilo/modo de ser, viver e acreditar. As relações sociais não se esgotam com a vida material, uma vez que os valores culturais e simbólicos são vividos e assimilados nos diferentes níveis de sociabilidade: família, trabalho, comunidade local, escola, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade contemporânea depara-se com o ALCOOLISMO cada vez mais freqüentemente, tornando-se conhecido de todos. O alcoolismo visto como uma problemática social que extrapola a esfera individual, a esfera biológica, transformando-se em algo amplo de dimensões devastadoras.

Atualmente, avolumam-se os problemas sociais devido a um cenário constituído de pobreza, de disparidades sociais, de violência, de opressão, panorama que se impõe à sociedade, à família e ao indivíduo, levando a comportamentos diversos numa sociedade que inspira insegurança, imprevisibilidade e rapidez.

O álcool é um elemento socialmente aceito e solicitado para as mais inusitadas situações sociais. Mas essa mesma sociedade é extre-

mamente cruel quando o problema é alcoolismo, rejeitando e isolando o seu portador. O alcoolismo não seleciona um padrão fixo para seu portador. Este tanto pode ser do sexo feminino ou masculino, sua raça, status social, classe social, enfim, nada importa ao alcoolismo. Qualquer um pode estar vulnerável à sua instalação, uma vez que a sociedade é permissiva à socialização do álcool e sua comercialização está ligada à imagem atraente de consumo e de bem-estar social.

A concepção de alcoolismo é permeada por noções pejorativas/errôneas, impedindo a apreensão de uma visão acertada sobre o portador de alcoolismo e sua enfermidade o que contribui para uma constante negação da problemática, advinda do doente alcoólatra, da família, todos impregnados de dor, pesar, vergonha e medo.

Quando se fala em alcoolismo feminino, concepções tradicionalmente construídas sobre a mulher e suas relações sociais são imediatamente distorcidas, questionadas; pois a mulher - administradora do lar, educadora dos filhos, com personalidade constituída de elementos delicados, generosos e disciplinados - está completamente fora dos parâmetros socialmente elaborados de um portador de alcoolismo, o que revela a questão do pré julgamento tanto sob o alcoolismo, como sob a questão da mulher.

É notória e visível a trajetória dos avanços da questão de gênero, evidenciada pelas novas posturas e perspectivas conquistadas e assumidas pelas mulheres, sejam no meio acadêmico, na família, enfim na sociedade. Porém, este é um processo dialético e dinâmico cheio de surpresas e desafios.

A inserção do álcool na vida do indivíduo ocorre, em geral, nas relações sociais amistosas, seja para amenizar uma dificuldade, buscar euforia ou superar limitações, constituindo assim sua socialização, aceitação e integração social. No decorrer dos anos, a forma de ingerir bebida alcoólica não mais corresponde à sua forma inicial, tornando o indivíduo compulsivo e intempestivo, gerando isolamento e distanciamento social. O indivíduo não é mais o mesmo, o álcool passa a dominá-lo, verificando um processo de dissociação, pois o indivíduo passa a ser evitado e o desrespeito e rejeição tornam-se aspectos frequentes.

O alcoolismo feminino não é só duplamente atingido pelo elemento PRECONCEITO, uma vez que suas complicações e evolução sinalizam para um triplo preconceito, proveniente de uma sociedade machista, estigmatizante e desigual. Estes elementos, apesar das conquistas sociais e discussões das relações de gênero, persistem em nossa sociedade. Sua persistência atinge a todos criando um círculo vicioso de preconceito. Existe o preconceito contra o álcool, dificultando a adesão ao tratamento - como se o alcoolismo fosse algo feio, sujo; existe o preconceito contra a mulher subjugando-a e delimitando espaços e papéis sociais e existe o preconceito das próprias mulheres portadoras de alcoolismo, que ainda não absorveram que

o alcoolismo é uma enfermidade e não algo seletivo, direcionado ao negro, ao pobre, ao sexo masculino.

A busca pela abstinência, ou melhor, pela serenidade, demanda uma nova socialização delineada pelas relações sociais repensadas, reelaboradas e reconstruídas, onde há uma mudança profunda que implica em novo estilo de vida, novos locais freqüentados, novas amizades, novos conhecimentos, novas pretensões e novos comportamentos sociais. As relações sociais são condicionadas aos interesses e desejos em evidência e o cotidiano exprime o foco de atenção e/ou preocupação que conduz o indivíduo a manter determinado modo de vida.

Os desafios colocados pelo alcoolismo feminino destacam a luta e o ato de resolução destas mulheres, na tentativa de superar não só o alcoolismo, mas também sentimentos de dor, perdas, vergonha, preconceito e pânico que acompanham a discussão e a enfermidade. As novas relações sociais adquiridas são um desafio pessoal e social marcadas por determinação, força e coragem de recomeçar, de negar as relações sociais antes vividas, de superar os preconceitos.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Cap. 3.

BERTOLETE, José Manoel, RAMOS, Sérgio de Paulo. (Col.). **Alcoolismo hoje**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BOUDON, Raymond, BOURRICAUD, François. **Dicionário crítico de sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CLARET, Martin (Coord.). **O que você deve saber sobre alcoolismo**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001. (Coleção Saúde e Sabedoria).

FALCÃO, Maria do Carmo, NETO, José Paulo. **Cotidiano: conhecimento e crítica**. São Paulo: Cortez, 1987.

GIDDENS, Antony. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Uma teoria da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HENNECKE, Lynne, FOX, Vernell. A mulher com alcoolismo. In: GITLOW, Stanley E, PEYSER, Herbert S. **Alcoolismo: um guia prático de tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p. 227 - 235.

MILAN, James Robert, KETCHAM, Katherine. **Alcoolismo: mitos e realidade**. São Paulo: Nobel, 1986.

MIOTTO, Regina Célia Tamaso. Família e Serviço Social: contribuições para o debate. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n.55, 1997.

MIRANDA, Orlando. (Org.). **Sociabilidades**. Natal: Terceira Margem, 2002. v. 2.

OUTHWAITE, Willian; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

RUNBECK, Margaret de. **Carta a uma mulher alcoólica**. São Paulo, 2 fev. 1954. Carta.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. A discriminação de gênero e as diversas formas de violência contra a mulher. In: _____. **Advocacia pro bono em defesa da mulher vítima de violência**. São Paulo: Unicamp, 2002. p. 33-41. Painel 1.

UNESCO. **De mãos dadas com a mulher: a UNESCO como agente promotor da igualdade entre gêneros**. Brasília: UNESCO, 2002. 72 p.

VIVÊNCIA. São Paulo, n. 21, 1992a.

TRAMITAÇÃO

Recebido em: 19/07/2004

Accito em: 17/05/2006